

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO E DO RESENTIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE EM CURSO: A NEGAÇÃO DA GENERICIDADE E O ESPRAIAMENTO DO ESTRANHAMENTO EM MARX

João Edson Gonçalves Cabral¹
Dalila Miranda Menezes²

Introdução

Em 25 de maio de 2020 um homem negro americano, chamado George Floyd, morreu após ser asfixiado por mais de oito minutos por um policial branco na cidade de Minneapolis, nos EUA. Violentos protestos se seguiram ao longo do país com cartazes contendo as últimas súplicas de Floyd: “I can’t breathe” (Eu não consigo respirar). Pouco tempo depois, ainda sob o calor dos horrores da hora, outro fato também vinculado ao acontecimento recém-referido roubou a cena e chamou a atenção dos principais meios de comunicação ao redor do planeta: tratava-se de um casal branco americano de moradores de um bairro nobre, em frente ao jardim de sua mansão de dois andares, esbravejando contra um grupo de negros que se dirigia para um protesto e resolveu cortar caminho passando por entre os casarões do bairro onde se encontrava o referido casal. O “detalhe” marcante dessa demonstração gratuita de ódio por parte do casal branco é que, enquanto o homem portava um potente fuzil moderno e a mulher uma pistola automática, ambos apontavam as armas contra os transeuntes negros que tiveram a “audácia” de se deslocar por entre os casarões da elite americana. O mais absurdo da situação foi um momento de transtorno colérico do casal branco que em certa altura do descontrole chegou a apontar a arma um contra o outro, revelando o completo desvario em que ambos se encontravam.

A referência dos fatos relacionados ao assassinato de George Floyd ganha exigência de esforço analítico por vários aspectos contundentes ali envolvidos, como, por exemplo, o desprezo e o preconceito racial que ainda perpassa as ações de autoridades americanas brancas contra a população americana negra, ou as severas contradições sociais ali existentes, muitas vezes ocultadas intencionalmente para o mundo, no que diz respeito à exígua distribuição social da riqueza entre as comunidades negras em contrapartida à fartura da elite branca americana, etc., mas aqui gostaríamos de destacar um elemento que nos chamou a atenção na cena do casal branco portando armas sofisticadas: o caráter abissal do contraste entre, de um lado, o ímpeto

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9940-5769>

² Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

de se buscar alguma forma de propiciar **justiça** para o trágico acontecimento (algo que pudesse efetivar no plano jurídico-político o enfrentamento da gravidade do fato absurdo que motivara essa onda de protestos) e, de outro lado, a gratuidade da manifestação de **ódio** de um casal branco que se opunha contrária aos protestos.³

O contraste da permuta **justiça-ódio** que marca decisivamente as cenas acima descritas, ultrapassa o âmbito emocional do forte impacto que embrulha até os mais resistentes estômagos, e permite, segundo nossa apreciação, a pronta aparição de uma desafiadora pergunta pela compreensão filosófica do significado do tipo humano que se apresenta subjacente aos movimentos históricos recentes ali relatados. O que se instaura, como problema reflexivo, é tanto a compreensão do contraste entre justiça e ódio, como a proliferação bestializada de movimentações constantes de ódio e preconceito que, já há alguns anos, infelizmente, estamos nos habituando a acompanhar de forma reiterada nos noticiários e mídias eletrônicas, tanto pela presença cotidiana em nosso contexto local, potencializada pelos desvarios irresponsáveis de um governo de extrema direita ao qual estamos atualmente submetidos, quanto pela presença gratuita de manifestações recorrentes de ódio e preconceito em contextos político-sociais externos, onde antes eram mais raras⁴. Afinal, como compreender, a partir de certas matrizes filosóficas, eventos recorrentes onde há uma tendência à disseminação de comportamentos motivados pelo ódio? Através de quais mediações conceituais, presentes em K. Marx (1818-1883) e em F. Nietzsche (1844-1900) – aqui referido como contraponto complementar que acreditamos enriquecer a abordagem analítica aqui desenvolvida – podemos nos pautar para compreender o preocupante quadro aqui relatado?⁵

³ Para facilitarmos o acompanhamento da cadeia argumentativa presente ao longo desse artigo, num primeiro momento denominaremos o sentimento subjacente aos fatos narrados nos episódios acima descritos simplesmente como “ódio” e, num segundo momento, quando formos discutir esse mesmo sentimento a partir de um contraponto à Marx, denominaremos o ódio a partir da categoria “ressentimento”, presente nas formulações de Nietzsche. A distinção entre as designações se dará por conta de um caráter mais formal dado por Nietzsche ao problema do ressentimento, tomando-o como o sintoma da vida europeia tardo-moderna. A despeito do ajuste conceitual exigido no curso da exposição, a assunção dos dois termos revela uma proximidade semântica – com um sentido mais amplo do termo “ódio” e com as devidas especificidades do termo “ressentimento” –, claramente identificáveis em cada contexto dos seus usos, com o que esperamos não comprometer o acompanhamento lógico-expositivo de nossa investigação por parte do leitor.

⁴ A esse respeito podemos ofertar três recentes situações epocais ilustrativas: 1) a prisão de Roberto Jefferson motivada pela acusação de participar das milícias digitais, também conhecidas como o braço digital do chamado “gabinete do ódio” do atual governo (segundo o site de notícias G1 de 13.08.2021, “a ordem [de prisão] foi dada dentro do chamado inquérito da milícia digital, que é uma continuidade do inquérito dos atos antidemocráticos.”); 2) a recente chegada ao poder do grupo fundamentalista islâmico Talibã no Afeganistão, cujas ações são marcadas por extrema violência contra mulheres e opositores; e, 4) o temor do crescimento da extrema direita alemã na campanha em curso pela sucessão de Angela Merkel na Alemanha, cujo discurso recente passou a incorporar o ódio aos estrangeiros em função do retorno ao poder do grupo islâmico Talibã.

⁵ É preciso diante não salientar que, para além de nossos esforços reflexivos, onde estaremos nos valendo de dois percursos distintos da tradição filosófica para o enfrentamento de tais problemáticas – Marx e Nietzsche –,

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

Muitas tentativas de respostas filosóficas poderiam ser aqui referidas e defendidas como capazes de enfrentar a complexidade das questões que acabamos de formular. Inicialmente iremos recorrer a alguns aspectos conceituais presentes Marx que julgamos capazes de lançar luz na compreensão dos problemas recém-anunciados. Em seguida iremos recorrer às contribuições de Nietzsche, sobretudo por se tratar de um autor que privilegiou o tratamento do problema da disseminação do ressentimento na cultura de seu tempo, portanto um autor ineliminável quanto à busca de elementos conceituais mais rigorosos em torno do problema do ressentimento. Vejamos como Marx e Nietzsche podem contribuir com o exercício de exigir da filosofia a compreensão de sinalizações preocupantes e desafiadoras postas por nosso tempo.

1. A compreensão do problema da negação da genericidade pelo trabalho alienado em Marx e sua relação com a disseminação do ódio na temporalidade em curso

Numa passagem pouco visitada pela literatura especializada, Marx expressa um desejo que corrobora sua esperança num mundo regido por relações que aqui, por escolha própria, designaremos de próprio punho como autênticas, alertando, porém, que tal termo inexistente no corpo do texto que iremos reproduzir – logo abaixo mencionado – o que não impede seu uso por proximidade semântica do núcleo do argumento, como será possível inferir. Marx parte de uma suposição afirmativa para apresentar os termos do modo como gostaria que fossem permutadas as relações humanas:

Suponhamos que o homem é homem e que é humana sua relação como o mundo. Então o amor só com o amor se poderá permutar, a confiança com a confiança, etc. Se queremos apreciar a arte temos que ser pessoas artisticamente cultivadas; se queremos influenciar outras pessoas importa sejamos pessoas com efeito verdadeiramente estimulante e encorajador sobre os outros. Cada uma das nossas relações ao homem e à natureza deverá ser uma expressão específica, que corresponda ao objetivo de nossa vontade, de nossa vida real individual. Se alguém amar, sem por sua vez despertar amor, isto é, se o seu amor enquanto amor não suscitar amor recíproco, se alguém através da manifestação vital enquanto homem que ama não se transforma em pessoa amada, é porque o seu amor é impotente e uma infelicidade.⁶

Por conta do reconhecimento da elegância e força do argumento central presente na passagem recém-transcrita, nossas considerações em Marx começam invertidas: ao invés de nos dirigirmos naturalmente ao diagnóstico de Marx sobre o seu tempo, com peso para a

devemos acautelarmos o leitor do limitado alcance de nossa resposta, posto entendermos que as indicações que faremos, adiante postas, jamais poderiam atingir de forma mais ampla o território dos complexos enredamentos aqui envolvidos. Não obstante os limites aqui presentes é interessante pontuar que tal exercício nos parece fundamental, já que, segundo compreendemos, a filosofia só se apresenta como um empreendimento significativo se ousar pensar os desafios do tempo em que se está inserido.

⁶ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 234.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

inversão homem-objeto (transformação do homem em objeto) que perpassa as relações humanas na forma histórico-social capitalista, e o correlacionarmos com os acontecimentos trágicos vinculados à morte de George Floyd⁷ e às armas em punho do casal da elite americana, ao invés disso iniciaremos nossas considerações apresentando o modo como, para Marx, deveriam ser as relações humanas autênticas. Se impusermos um curso próprio à lógica inerente ao argumento acima transcrito de Marx, poderíamos afirmar forçadamente que, já que o amor deve ser permutado com amor, a confiança com a confiança, etc., então o sentimento de justiça também deveria ser permutado por um sentimento correspondente, portanto, jamais deveríamos permutar sentimento de justiça, ou desejo de justiça por ódio ou ressentimento.

Ainda inspirados nas possibilidades implícitas da passagem recém-transcrita de Marx, poderíamos – sem a autorização e o comprometimento direto do autor – formular o seguinte problema: o que pode ter possibilitado o curso histórico de um mundo invertido, onde o modo recorrente das relações revela uma permuta não equivalente entre nossos sentimentos e vontades? Em outros termos: por que no mundo vivenciado por Marx – e nisso nossa temporalidade se assemelha – não se permutam amor com amor, confiança com confiança, etc.?

A chave para desvelar uma possível resolução desse problema se encontra nas duas condicionantes iniciais (pressupostos lógico-ontológicos) anunciadas já no início da passagem, bem como na interligação dos demais argumentos presentes no corpo da passagem com essas condicionantes iniciais. Vejamos a estruturação lógica inerente à citação acima referida. Toda a passagem é organizada segundo a disposição lógico-argumentativa “se x, então y”: 1) “**se** o homem é homem” e 2) “**se** a sua relação com o mundo for humana, **então...**”. Lembremos que Marx inicia essa passagem com uma dupla suposição: “Suponhamos que o homem é homem e que é humana sua relação como o mundo.” A continuação da passagem vincula sua inferência desses pressupostos: **se** o homem é homem e **se** é humana a sua relação com o mundo, **então** só podemos permutar o amor com amor, a confiança com a confiança, etc. A questão agora será guindada para outro plano, exterior ao argumento de Marx: o que acontece se os pressupostos forem violados?

⁷ Lembremos que nosso objetivo nuclear é procurar compreender a permuta entre o desejo de justiça dos manifestantes negros americanos e o ódio do casal branco que apontava armas contra alguns negros que transitavam perto de sua residência, tomando esse acontecimento como uma forma particular de constantes manifestações de ódio presentes nos cenários cotidianos e contextos políticos locais e externos. Neste sentido alertamos que as dicotomias que envolvem particularidades dos personagens das narrativas aqui referidas (ricopobre, branco-negro, etc.) devem ser compreendidas a partir de uma visada que toma todo o gênero humano envolvido na mesma condição de alienação, o que pode ser analogicamente aludido na condição do casal branco que a certa altura dos fatos empunha um contra o outro os seus armamentos.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

Se os pressupostos assumidos por Marx no início da citação forem quebrados significa que o homem não é homem e nem é humana a sua relação com o mundo. Nesse caso estamos diante de uma situação onde podemos permutar amor com desamor, confiança com desconfiança, e outras trocas menos diretas e sutis, como, por exemplo, sentimento de justiça por ódio ou por ressentimento.⁸ Mas o que significa dizer que o homem não é homem, e nem humanas as suas relações com o mundo? Para elucidarmos essa questão devemos discutir primeiramente o conceito de genericidade e, para tanto devemos nos referir ao lugar onde esse conceito emerge na obra marxiana. Ocorre que se desejarmos apresentar, ainda que de passagem, o conceito de genericidade em Marx devemos antes tratar de outro conceito central em Marx, o conceito de trabalho.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*⁹, texto juvenil onde se insere a passagem acima transcrita e objeto a de nossa apreciação, Marx apresenta, entre outras teses, dois contributos decisivos para a construção da sua plataforma filosófica: 1) o **trabalho** como atividade constituidora do homem e 2) o **trabalho alienado** como atividade destituidora do homem.¹⁰ Em termos sumários, em conformidade com os limites expositivos aqui presentes, o trabalho enquanto categoria abstrata e universal, para Marx, é responsável pelo progressivo

⁸Lembremos que os exemplos ofertados por Marx são meramente ilustrativos e por conta disso Marx se utilizou da abreviação da expressão latina “etc.”, cuja etimologia remete a *et cetera* ou *et coetera* e cujo significado remete a “e o resto”, “e outras coisas”, “e assim por diante”, o que permite se incluir outros casos. O que Marx se refere de fato é o plano do que aqui denominamos de individualidade autêntica, ou seja, o caso hipotético em que “o homem é homem”, o caso em que as relações humanas fossem mediadas por individualidades humanas autênticas, livres, no sentido permitido pela sequência dos argumentos presentes nessa mesma citação.

⁹ Existem duas traduções referenciais dos *Manuscritos* em português: uma tradução de Artur Morão editado pelas Edições 70, e outra de Jesus Ranieri pela editora Boitempo. Apesar do maior rigor da tradução de Jesus Ranieri e das razões por ele alegadas pela escolha do termo estranhamento no lugar de alienação, o que resulta no privilégio do termo *trabalho estranhado* ao invés de *trabalho alienado*, optamos, no entanto, pelo termo alienado, resguardando o sentido apresentado por Ranieri, apenas por conta da memória afetiva que confere uma maior familiaridade e nos remete ao tempo de nossa graduação em Filosofia. Com os cuidados bem fundamentados postos por Jesus Ranieri, o termo *alienado*, no nosso entendimento, pode ser utilizado sem prejuízo semântico, nem perda significativa de rigor analítico. Neste sentido, vejamos como Jesus Ranieri inicia os esclarecimentos em relação à sua escolha terminológica: “Em primeiro lugar é preciso destacar a distinção sugerida, nesta tradução, entre alienação (Entäusserung) e estranhamento (Entfremdung). É muito comum compreender-se por *alienação* um estado de estado marcado pela negatividade, situação que só poderia ser corrigida por oposição de um estado determinado pela positividade emancipadora, cuja dimensão seria, por sua vez, completamente compreendida a partir da supressão do estágio alienado, esse sim aglutinador tanto de Entäusserung quanto de Entfremdung.” Mais adiante, Ranieri adverte: “Na reflexão desenvolvida por Marx não é tão evidente, no entanto, que esse pressuposto seja levado às últimas consequências, pois os referidos conceitos aparecem em conteúdos distintos, e a vinculação entre eles, geralmente sempre presente, *não garante que sejam sinônimos.*” Cf. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Editora Boitempo, 2004, p. 15-16. (Grifo nosso).

¹⁰ Para uma consulta mais detida desses dois conceitos acima indicados – trabalho e trabalho alienado – remetemos o leitor para a nossa dissertação de mestrado intitulada “*A problemática do trabalho humano em Marx e em Arendt: de atividade constituidora do humano ao resgate da dignidade da política*”, defendida na Universidade Federal do Ceará - UFC, em 2013, sob a orientação de Odílio Alves Aguiar.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

afastamento da natureza que ocorre com o homem, portanto o trabalho é categoria constitutiva da sociabilidade humana.

Esse apontamento juvenil do caráter constitutivo da sociabilidade por parte do trabalho em Marx ocorre exatamente nos *Manuscritos*, razão pela qual esse escrito inacabado resguarda marco decisivo para a emergência do legado filosófico marxiano. Apontar o trabalho como o responsável em afastar lentamente o homem do restante da natureza significa dizer – salvo engano, pela primeira vez em uma discussão filosófica – que todos os sentidos humanos, incluso aí a visão, sofreram um refinamento, a partir de um uso específico prolongado, e que o resultado desse processo culmina com a construção de um ente ímpar na natureza, o único onde a especificidade de sua própria ação proporcionou um resultado distinto das demais espécies animais, tanto em relação aos sentidos, aos afetos, sentimentos, quanto aos processos cognitivos, desenvolvimento de capacidade de concentração, linguagem, etc.¹¹

Uma das teses centrais articuladas ao longo da exposição de Marx nos *Manuscritos* é a defesa de uma autoconstrução humana a partir de uma ação livre sobre a natureza – exatamente o que confere peso ontológico ao trabalho – ou seja, o homem é um produto tardiamente desenvolvido por conta da especificidade de sua ação sobre a natureza, por conta do trabalho. Mas o que torna o trabalho capaz de afastar uma espécie animal das demais e possibilitar a emergência de um tipo animal com características próprias e distintas de todo o resto? Deixemos o próprio Marx responder a essa pergunta:

A construção prática de um mundo objetivo, a manipulação da natureza inorgânica, é a confirmação do homem como *ser genérico* consciente, isto é, ser que considera a espécie como seu próprio ser ou se tem a si como ser genérico. Sem dúvida o animal também produz. Faz ninho, uma habitação como as abelhas os castores as formigas, etc. Mas só produz o que é estritamente necessário para si ou para suas crias; produz apenas numa só direção, ao passo que *o homem produz universalmente*; produz unicamente sob o domínio da necessidade física imediata, enquanto o homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade.¹²

Essa passagem nos permite aportar nas margens do que gostaríamos de ressaltar: o principal traço presente no trabalho é o seu caráter genérico ou universal, isto é, o fato do

¹¹ De acordo com Lukács o ponto decisivo do trabalho repousa no seguinte apontamento: “A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia ‘já na representação do trabalhador’, isto é, de modo ideal. Talvez surpreenda o fato de que, exatamente na delimitação materialista entre o ser da natureza orgânica e o ser social, seja atribuído à consciência um papel tão decisivo.” Cf. LUKÁCS, György. *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*, tradução de Carlos Nelson Coutinho, in: Revista Temas de Ciências Humanas, v. IV. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, p. 3.

¹² *Ibidem*, p.165. (grifo nosso)

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

trabalho se constituir numa atividade multidirecional, onde o homem produz universalmente, ora uma pedra polida por fricção, ora uma canoa simples de madeira, ora uma ferramenta mais elaborada, enquanto o animal permanece nos limites da sua ação instintual.¹³ Entendamos a importância do alcance presente na genericidade do trabalho: para Marx, foi o fato de agirmos na natureza de forma universal que nos tornou humanos, portanto sem o específico caráter de uma ação universal, portanto, na condição de ser genérico nos termos de Marx nos *Manuscritos*, jamais alcançaríamos tardiamente os traços que nos distinguem do restante da natureza, o que significa que jamais seríamos humanos. O que aconteceria conosco, enquanto humanidade, se nossa ação sobre o mundo deixasse de ser genérica? É aqui que entramos na discussão da segunda tese nuclear de Marx dos *Manuscritos*, o conceito de trabalho alienado, ou trabalho estranhado.¹⁴

Para não termos de modo alongado nos meandros exigidos por um tratamento mais amplo do conceito de trabalho alienado, faremos apenas uma breve referência às quatro características do trabalho alienado presentes nos *Manuscritos*. Iniciemos pelo anúncio do ponto-de-partida a partir do qual Marx desenvolve o conceito de trabalho alienado:

Nós partiremos de um fato econômico contemporâneo. O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens.¹⁵

Em seguida, vejamos de forma sucinta o anúncio das características do trabalho alienado: 1) Perda do objeto: o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, se lhe opõe como um *ser estranho*; 2) Perda de si mesmo: o trabalho alienado é exterior ao trabalhador, não pertence à sua natureza, por isso ele não afirma no trabalho, mas nega a si mesmo e é infeliz;

¹³ Uma formiga, por exemplo, vivencia diuturnamente a atividade para a qual a rígida hierarquia natural assim determinou, podendo esgotar a curta temporalidade de sua existência na restrita trajetória do transporte de folhas para o formigueiro. Assim o é para centenas, milhares de gerações daquela espécie de formigas naquele posto específico que ocupa, experimentando ampliações ou alterações pouco significativas na sucessão dos seus atos. Este comportamento amplamente vinculado às determinações naturais sugere à Marx um radical diferencial entre o modo repetitivo e restritivo com que o animal supre suas carências, e a sintomática elasticidade e variabilidade com que o homem atua no mundo. Parece aí residir o segredo de Minerva da autoconstrução do homem e sua forma inovadora frente aos demais animais existentes. Cf. CABRAL, J. Edson Gonçalves. *A problemática do trabalho humano em Marx e em Arendt: de atividade constituidora do humano ao resgate da dignidade da política*. Dissertação de Mestrado, UFC, 2013.

¹⁴ Muito embora tomemos os termos alienado e estranhado como sinônimos, alertamos o leitor que essa aproximação semântica é uma escolha pautada em afinidade pessoal e que não segue a recomendação dos especialistas mais cuidadosos que privilegiam o termo estranhamento (*Entfremdung*) ao termo alienação (*Entäusserung*). (Ver nota 9, supra.)

¹⁵ *Ibidem*, p. 158-159.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

3) Perda da genericidade: o trabalho alienado nega a genericidade ao suprimir o componente livre da ação e circunscrever sua multilateralidade; 4) Alienação do homem relativamente ao homem ou *estranhamento* das relações humanas: se a relação do homem é de alienação de si mesmo, de seu tempo, de suas potências e capacidades individuais, então as relações humanas estarão perpassadas por esse mesmo *estranhamento*. O que o conjunto dessas características significa para a compreensão do humano?

O trabalho alienado representa uma inversão daquilo que ocorreu durante o longo período de afastamento da natureza propiciada pelo trabalho. No início nos afastamos paulatinamente da natureza por conta de um alargamento da nossa plataforma de ação sobre a natureza e, desse modo, deixamos de ser animais meramente circunscritos ao âmbito de nossa ação instintual. Isso ocorreu, como vimos, por conta do trabalho, ou seja, por conta de nossa ação livre e multidirecional; ocorre que o advento de uma forma histórica específica modificou radicalmente nosso antigo modo de nos relacionarmos com a natureza e inverteu os dois componentes decisivos do trabalho que haviam nos afastado da ação instintual: por um lado, o trabalho alienado eliminou o componente da ação livre sobre a natureza e, por outro, circunscreveu o âmbito de nossa ação universal para uma ação unilateral. Essas duas supressões propiciadas pelo trabalho alienado puseram em curso outro movimento em sentido contrário ao que foi posto pelo trabalho: ao invés de nos afastarmos da natureza no sentido de uma paulatina presença do componente de refinamento dos sentidos e da individualidade, agora, sob a égide do trabalho alienado, o movimento é de retorno à animalidade, ou seja, da perda da genericidade, do traço distintivo que nos separava dos demais animais. É assim que Marx se refere a esse movimento de perda da genericidade propiciada pelo trabalho alienado:

O animal identifica-se imediatamente com sua atividade vital. Não se distingue dela. É a sua própria atividade. Mas o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital consciente. Ela não é uma determinação com a qual ele imediatamente coincide. A atividade vital consciente [trabalho] distingue o homem da atividade vital dos animais. Só por essa razão ele é um ser genérico. Ou melhor, só é um ser consciente, quer dizer, a sua vida constitui para ele um objeto, porque é um ser genérico. Unicamente por isso sua atividade surge como atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser consciente, transforma a sua atividade vital, [trabalho] o seu ser, em simples meio de sua existência.¹⁶

Observemos outra importante indicação que nos permite compor a compreensão e alcance da perda da genericidade pelo trabalho alienado:

¹⁶ *Ibidem*, p. 164-165. (As referências entre colchetes são nossas.)

Pelo que, na medida em que o trabalho alienado subtrai ao homem o objeto da sua produção, furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico.¹⁷

O grande arremate da perda da genericidade pelo trabalho alienado repousa na quarta característica do trabalho alienado, acima referida. Trata-se do espraçamento da perda de si mesmo, presente nas três primeiras características, para o alcance do comprometimento das relações humanas enquanto tal, relações que estejam situadas numa forma de sociabilidade onde as relações de trabalho são perpassadas pelo trabalho alienado, como é o caso do tempo de Marx. Traduzindo em termos mais diretos: se cada homem experimenta a perda do objeto, a perda de si mesmo e a perda da genericidade – traço constitutivo de sua específica condição humana – então a relação que se estabelece entre esses homens é de estranhamento mútuo. Nos termos postos por Marx:

Uma consequência imediata da alienação do homem a respeito do produto do seu trabalho, da sua vida genérica, é a alienação do homem relativamente ao homem. Quando o homem se contrapõe a si mesmo entra igualmente em oposição com os outros homens. O que se verifica com a relação do homem ao seu trabalho, ao produto do seu trabalho e a si mesmo, verifica-se também com a relação do homem com os outros homens, bem como ao trabalho e ao objeto do trabalho dos outros homens.¹⁸

O conteúdo dessa quarta característica do trabalho alienado é o ponto de chegada das considerações que desejávamos desenvolver sob a responsabilidade do *corpus* teórico de Marx. Segundo o que pretendemos até aqui apresentar, o trabalho alienado possui quatro características e dentre elas procuramos destacar duas, segundo os objetivos de nossa proposta: o trabalho alienado nega a genericidade, ou seja, destitui aquilo que ao longo do tempo humanizou o homem, nos afastando gradativamente da natureza; por outro lado, com o trabalho alienado o homem se opõe aos outros homens como a um estranho. Agora que temos disponíveis as ferramentas conceituais marxianas, podemos assumir o risco de buscar estabelecer um elo entre três referências distintas: 1) a perda da genericidade propiciada pelo trabalho alienado; 2) o espraçamento da alienação que se estabelece entre as relações humanas; e 3) os fatos narrados no início de nossas tratativas (o assassinato de G. Floyd e a hostilização armada dos manifestantes negros). Seguindo o raciocínio até aqui desenvolvido, podemos formular o seguinte problema: será possível considerar que a presença recorrente do “ódio” nas

¹⁷ *Ibidem*, p. 166.

¹⁸ *Ibidem*, p. 166.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

relações contemporâneas, notadamente no âmbito das ações morais e no plano das relações políticas, possui um vínculo *objetivo* com a perda da genericidade e com o estranhamento das relações humanas, segundo uma leitura inspirada nas teses de Marx? Haveria maiores riscos de unificar de modo mais amplo e abstrato as duas referências conceituais de Marx – a perda da genericidade e o espraiamento da alienação – com a disseminação do ódio que presenciamos no amplo contexto das relações humanas epocais?

Poderíamos, sem alcançar a plenitude de rigor analítico, inserir as reações belicosas contra os manifestantes que exigiam justiça pela morte de Floyd, como um caso particular – entre tantos outros de nossa contemporaneidade – de estranhamento das relações humanas proporcionada pela perda de nossa genericidade, ou seja, como consequência da forma de vida social que nos antepõe uns contra os outros. Nesse caso, Marx nos permitiria situar *in abstracto* os preocupantes fatos de nosso tempo no interior do tratamento conceitual aqui esboçado, ou seja, a partir das categorias de trabalho e trabalho alienado, genericidade, espraiamento da alienação, etc.

Isto significa, nos meandros da linguagem marxiana, compreender as bases *objetivas* do estranhamento a partir das quais são submetidos os homens de nosso tempo, empreendimento decisivo se não quisermos nos ater apenas nas descrições jornalísticas de nossa tragicidade epocal. Por que decisivo? Porque sem a referência à Marx não podemos compreender que o que nos opõe uns contra os outros, o que alimenta a fornalha do preconceito, do ódio, etc., é *a forma de vida social que destitui nossa humanidade*, o que em termos conceituais é representado pela perda de nossa genericidade. Sem a ação livre e multidirecional não somos capazes de refinar nossa individualidade, nem imprimir altivez e dignidade às nossas ações morais e políticas.

Mas o que fazer se desejarmos compreender mais sobre a natureza do sentimento presente tanto no comportamento homicida do policial branco que sufocou Floyd até a morte, assim como presente na postura insana do casal armado diante de manifestantes desarmados? Nesse caso, é importante considerar um tratamento reflexivo-filosófico que tenha se empenhado de modo mais detido na compreensão das especificidades atinentes à presença do ódio, ou de algum outro sentimento que possa se tornar uma referência mais rigorosa. Um dos primeiros autores a perfazer esse intento foi Friedrich Nietzsche (1844-1900). Vejamos como Nietzsche pode nos ajudar a compreender o que está jogo nas comoventes cenas que motivaram nossa investigação, qual o sentimento ali envolvido e, finalmente, quais as razões para sua disseminação social para o campo das relações da moral e da política.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

2. O niilismo e o ressentimento como traços centrais constitutivos dos tipos humanos herdeiros do legado cultural cristão-europeu- moderno

Um dos empreendimentos iniciais do percurso intelectual de Nietzsche foi estabelecer uma crítica ao modo de vida moderno-tardio, ou seja, ao universo cultural europeu da segunda metade do século XIX do qual ele mesmo fazia parte e não se reconhecia. Esse intuito era motivado pelo desejo de conhecer a fundo os principais tipos humanos de seu tempo e Nietzsche encontrou campo fértil para o desenvolvimento de seus propósitos ao se deparar com as discussões em seu tempo em torno do debate sobre o historicismo¹⁹ – em relação ao qual Nietzsche se referia jocosamente como “doença histórica” –, debates desenvolvidos principalmente em torno das diferentes formas de se considerar o sentido da História. De pronto, Nietzsche reconheceu, em dois tipos humanos, comportamentos que representavam as duas principais tendências em relação à compreensão do significado da História: de um lado, representado pelo *sábio*, havia a tendência de se considerar exageradamente a importância da história, perfazendo um tipo humano ligado excessivamente ao passado; por outro lado, representado pelo *homem comum*, existiam aqueles que a História não fazia o menor sentido e o resultado disso era comportamento displicente em relação à história e à vida. Para ambos os tipos dominantes de seu tempo, destinou-se uma investigação crítica identificando aspectos nucleares: em consonância com o sentido da história representado pelo sábio, Nietzsche reconheceu o traço do ressentimento e em relação ao desprezo da história pelo homem comum, Nietzsche desvelou seu caráter niilista. Foi assim que, de uma crítica à forma essencialmente moderna de pleitear uma centralidade para a História, que Nietzsche lapidou duas de suas pérolas conceituais mais certeiras para a compreensão daquilo que compreendia como as formas de vida decadentes do seu tempo: niilismo e ressentimento.

Nesse sentido, já a partir de 1862, num opúsculo intitulado *Fatum e História*, um de seus primeiros escritos, Nietzsche elaborou uma relação intrínseca entre história e cristianismo que doravante jamais abandonaria. A tese central desse escrito reivindicava que a

¹⁹ Segundo Noéli Sobrinho, “A principal expressão filosófica do século XIX foi o historicismo absoluto de Hegel e dos hegelianos, como Strauss e Hartmann. O historicismo alemão nasceu junto com o romantismo, cujos olhos estavam pregados principalmente num longínquo passado cristão e nas antigas tradições populares. O historicismo alemão, com isso, se opunha ao movimento iluminista e à revolução social: nele, a razão foi substituída pelo sentimento, a reação se seguiu à revolução social. Por causa de sua filiação ao cristianismo, Nietzsche acusava este historicismo de ser apenas uma ‘nova teologia’ ou uma ‘teologia disfarçada’: com a sua crença no progresso da Ideia, ele manifestava um otimismo descabido em relação ao mundo; com a proposição de uma finalidade, ele via no Estado moderno o termo da história universal. Nietzsche, no entanto, não podia admitir a ideia hegeliana de que a história culmina objetivamente no Estado moderno, pois, para ele, sendo o Estado somente um instrumento, um meio para assegurar uma ordem de coisas, não poderia por isso ser um fim.” Cf. Cf. SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Apresentação e comentário. In: Escritos sobre História. Nietzsche, F. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2005. p. 33.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

história contada pelos filósofos e pelos historiadores não era isenta de valores, estabelecendo os primeiros fios de sua contundente crítica à modernidade cuja diretriz remetia a uma compreensão do *sentido histórico* – uma teleologia intrínseca para a história, que pode ser, por exemplo, a providência divina ou a ideia de progresso – como possibilidade de decadência e niilismo.²⁰ Em outra produção juvenil – um conjunto de textos conhecidos como *Considerações Intempestivas*, principalmente a chamada *II Intempestiva* – essa mesma relação entre história e cristianismo emerge novamente sobre o mote da crítica à compreensão do *sentido histórico*, acima referida, dessa vez representada pelo historicismo em todas as suas versões, notadamente a sua versão mais elaborada, com Hegel.²¹

A alusão a esses dois textos juvenis de Nietzsche nos interessam por duas razões específicas: por um lado, é o ponto de emergência do vínculo nietzscheano entre história e cristianismo, ou seja, a “constatação de que o *sentido histórico* conforma a visão de mundo do homem tardo-moderno”²² e, por outro lado, é o estabelecimento da *vida* como critério que Nietzsche acolhe para destituir a prevalência dos valores cristãos para a compreensão da vida e da história. Examinemos, a partir de agora, a primeira das duas categorias nietzscheanas que emergem como tributárias de suas críticas e preocupações juvenis sobre o sentido da história, categorias imprescindíveis para a compreensão da quadra histórica em Nietzsche se inseriu: o niilismo.

Não poderíamos falar do *niilismo* em Nietzsche sem recorrer à sua origem que remonta ao cristianismo. Mas qual a relação entre o niilismo, como processo psicológico e social, e o cristianismo? Para enfrentar esse problema precisamos situá-lo no interior de um movimento discursivo em que Nietzsche reconhece a forma como o cristianismo – com suas características transcendentais e uniformizadoras – acaba por condenar a vida e os instintos. Em uma passagem de *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche faz uma série de acusações ao cristianismo por ter deformado a pedra mais bela que existe: o homem. Sua crítica se dirige aos sacerdotes e adeptos da moral cristã que seguem em uma tentativa canhestra de uniformização do humano de acordo com uma padronização rebaixada.

²⁰ Segundo Noéli Sobrinho, “se era verdade que o cristianismo se fundava em preconceitos arraigados – como Deus, alma imortal, Juízo Final, etc. –, preconceitos que a filosofia transformara em categorias informativas inclusive da análise histórica, por outro lado, não era menos verdade que esses preconceitos não podiam ser abolidos pela razão e pela vontade.” Na sequência a autora complementa: “Essa consideração de Nietzsche introduzia de fato, além de uma forte suspeita lançada sobre a razão, a necessidade de outros critérios para a religião histórica do ocidente.” Cf. SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Apresentação e comentário*. In: *Escritos sobre História*. Nietzsche, F. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2005. p. 11. (Grifo nosso.)

²¹ Cf. SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Apresentação e comentário*. In: *Escritos sobre História*. Nietzsche, F. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2005. p. 13.

²² *Ibidem*, p. 17.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

O homem, segundo Nietzsche, não foi esculpido por um artista que poderia extrair desse horizonte único e singular mil formas e forças, que o impulsionaria a vivenciar e ultrapassar malogros. Porém, o homem foi rebaixado diante de uma suposta igualdade entre homens perante Deus. Os defensores da moral cristã nivelam a diferença e a hierarquia que faz parte dos homens. O objetivo é tornar psicologicamente a vida monótona, enfraquecida, sem cor, sem sabor, em prol de uma recompensa em uma vida ultraterrena. O objetivo desta artimanha da moral cristã é o controle e a recusa do diferente, do instintivo. De acordo com Nietzsche:

[...] Deformaram e estragaram minha pedra mais bela! – Em outras palavras: o cristianismo foi, até hoje, a mais funesta das presunções. Homens sem dureza e elevação suficientes para poder, como artistas, dar *forma ao homem*; homens sem longividência e força suficientes para, com uma sublime vitória sobre si, deixar valer a lei primordial das mil formas de malogro e perecimento; homens sem nobreza suficiente para perceber o hiato e a hierarquia abissalmente diversos existentes entre homem e homem – *esses* homens, com sua “igualdade perante Deus”, governaram sempre o destino da Europa, até que finalmente se obteve uma espécie diminuída, quase ridícula, um animal de rebanho, um ser de boa vontade, doentio e medíocre, o europeu de hoje...²³

O resultado psicológico da domesticação cristã é visível no tipo de homem moderno, resultado que consiste no apequenamento do homem, fenômeno que, segundo Nietzsche, persistiria pelos próximos duzentos anos, ainda que com certas modificações e disfarces, diga-se de passagem. Mas quem é o homem moderno, “o europeu de hoje”? Segundo Nietzsche, o homem europeu da modernidade tardia é o “último homem”, o animal de rebanho, uma espécie quase ridícula que foge ininterruptamente do sofrimento, que é fraco, doente, sem o “centro de gravidade”.

Ora, este homem acima anunciado como um ser pequeno, domesticado e massificado é o tipo humano predominante e paradigmático. Um dos objetivos da moral cristã é justamente estabelecer seus valores como regras de condutas universais que recusam e tentam destruir tudo o que for diferente. A recusa da moral cristã pelo diferente é uma tentativa de nivelamento da vida na esterilidade de sua manifestação não instintual, o que resulta na legitimação do decaimento do humano na condição psicológica da fraqueza, da pequenez. É neste contexto de decaimento do homem, numa condição psicológica de fraqueza, que o niilismo estaria situado no interior de um amplo processo psicológico de tentativa de

²³ NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, p. 61.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

rebaixamento do homem e negação da vida. Deste modo, o primeiro movimento preparatório do niilismo é a negação da vida nos termos postos pelo cristianismo.²⁴

Qual o resultado mais significativo do niilismo como fenômeno psicológico desenvolvido pelo cristianismo e que se expressa na atitude niilista de condenação da vida e a singularidade de cada ser humano? O resultado pode ser vislumbrado em dois movimentos simultâneos e complementares: por um lado, essa negação da vida de cada um, no sentido da negação de suas singularidades e potências, produz um homem uniformizado – no sentido de um pertencimento ao conjunto dos que se negam a si e a vida; de outro lado essa negação da vida – esse niilismo – passa a construir valores, ou seja, a afirmar a própria fraqueza como força, a considerar a negação da vida e de si próprio como valor universal a ser seguido por todos, o que paulatinamente alcança amplas esferas da vida e da cultura europeia. É exatamente nesse momento de criação de valores que emerge o ressentimento, como uma forma de destituição daquele que não compartilha dos valores cristão uniformizadores e negadores da diferença. Vejamos esse importante ponto de inflexão onde Nietzsche reconhece a emergência do espriamento do ressentimento, ou seja, o momento onde o ressentimento passa transformar a negação e a fraqueza uma referência coletiva:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu – e este Não é seu ato criador. Esta inversão de olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.²⁵

Como sintetizar, de forma conclusiva e sumária, o amplo enredamento nietzscheano entre niilismo e ressentimento até aqui sugestionado? O mecanismo pelo qual o homem moderno paulatinamente passa a negar, não só a transcendência, mas, sobretudo, a vida e as

²⁴ Neste movimento de uniformização da vida pela moral cristã já é possível reconhecer os traços mais amplos do niilismo. O niilismo como fenômeno psicológico desenvolvido pelo cristianismo se expressa na atitude niilista de condenação da vida, da única vida que o homem tem. O cristianismo propicia uma corrente de negação do mundo por meio da psicologia da fraqueza, do doente, no sentido de implodir o próprio diferente que caracteriza cada singularidade e instigá-lo a assumir uma uniformidade abstrata moldada pela moral transcendente, o que leva o homem ao nada, ao aniquilamento da sua própria existência singular. Segundo Nietzsche, “Quando se coloca o centro de gravidade da vida não na vida, mas no “além” – no nada – despoja-se a vida de seu centro de gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza no instinto – [e deste modo] tudo de benéfico, promovedor da vida, garantidor de futuro nos instintos passa a despertar suspeita. Viver de modo que já não há sentido em viver, isso se torna o sentido da vida...” Cf. NIETZSCHE, *O Anticristo*, p. 50.

²⁵ Cf. *Genealogia da moral*. NIETZSCHE, F. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004, p. 28-29.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

potências inerentes a cada singularidade – movimento cujo epicentro se circunscreve na ampla influência da herança cristã e na forma problemática de sua substituição, cuja designação na terminologia nietzscheana se apresenta como niilismo – passa a ganhar espaços cada vez mais amplos no modo de condução da vida europeia moderna, até a atingir o ponto de inflexão decisiva onde essa negação da vida passa a criar valores referencias para a conduta coletiva. O ressentimento é o ódio cristalizado em lentas camadas de destituição daqueles que se afastam dos valores negadores da vida – agora universalizados pela moral cristã. A consequência imediata desses movimentos simultâneos e complementares é, portanto, a negação de si e a consideração do outro como uma ameaça.

226

Conclusão

Chamar a atenção para o fato de que o mundo em que vivemos, em plena segunda década do século XXI, é marcado por demonstrações reiteradas e cotidianas de ódio, violência e ressentimento é uma tarefa recorrente para qualquer olhar que mire a plêiade de absurdidades e contradições que articulam o tecido de nossa história. O grande desafio para aqueles que procuram se debruçar sobre certos problemas que implodem cada vez mais nossa tênue ficção de civilidade é encontrar sendas conceituais que nos permitam descortinar o complexo enredamento de onde emergem tais problemas. Aqui procuramos apontar duas possibilidades distintas, mas convergentes. Em que as reflexões de Marx e Nietzsche se aproximam? Por mais paradoxal que pareça, elas convergem – ainda resguardando suas especificidades – no ponto de chegada.

Conforme vimos, o ponto de partida para Marx é a situação do trabalhado inserido na forma histórica da alienação ou estranhamento, ou seja, do homem que se opõe a si mesmo de modo forçado e, por isso mesmo, não desenvolve suas potências e nega-se a si mesmo. É por isso que Marx, em certa altura de suas considerações, afirmou que o homem, submetido em relações de alienação do trabalho, só se sente livremente ativo exercendo funções meramente animais, tais como beber, comer e procriar.

O ponto-de-chegada em Marx pode ser enunciado como a consequência de uma vida inserida na constante autonegação: o espraiamento da alienação ou de estranhamento – já que aqui os tomamos como termos sinônimos. Isso significa tomar as relações humanas como atos vinculados no mesmo plano da autonegação. É por isso que não podemos permutar justiça com justiça, nem amor com amor. Também acreditamos que o espraiamento da alienação alcance conceitualmente o estatuto analítico de desvelar as condições objetivas da disseminação do ódio e do ressentimento.

NOTAS MARGINAIS EM TORNO DA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO...

João Edson Gonçalves Cabral/ Dalila Miranda Menezes

Já em Nietzsche, o ponto-de-chegada da parceria niilismo-ressentimento é o apequenamento paulatino do homem moderno, cujas vivências se alternam, ora em experiências vazias e bestiais, chamadas por Nietzsche de pequenos prazeres, tais como viagens, consumo de álcool, compras, etc., ora em gradações de ódio e comportamentos hostis em relação ao diferente, que são expressões e modulações do ressentimento.

O grande temor de Nietzsche talvez tenham nos atingido: os perigos diretos inerentes ao apequenamento do homem, ou seja, os efeitos nefastos da negação e esvaziamento da vida e de uma absorção sufocante e destruidora do ressentimento. A perplexidade de Nietzsche repousava no fato de esse apequenamento era um fenômeno em curso que duraria, segundo suas estimativas provocadoras, pelo menos mais duzentos anos, o que nos alcança enquanto contemporaneidade corrente e ainda permite que consideremos esse fenômeno em pleno curso. Neste sentido, as demonstrações frequentes de ódio e ressentimento que acompanhamos em larga escala local e global poderiam perfeitamente ser acomodadas no repertório do comportamento corriqueiro do “último homem” em pleno curso, cujo conjunto de ações se acomoda entre o vazio e o ressentimento.

Lembremos algo nada sutil: o ressentimento é uma variante do ódio, o resultado tardio de um ódio lentamente sobreposto em camadas sucessivas que se petrificam como traços indicadores de uma cultura moderna enferma e doentia. Existem mediações sugestionais mais oportunas para a compreensão da disseminação do ressentimento, ou do ódio, quanto tomá-los como expressão de uma sociabilidade estranhada, ou de uma cultura decadente?

BIBLIOGRAFIA

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1989.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

NIETZSCHE, F. *Escritos sobre história*. Trad. Noéli Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2005.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia. Das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia. Das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia. Das Letras, 2008.